Eixo 7: Família no contexto da inclusão escolar
Relato de experiência

Meu lugar de fala: formação e atuação de professores e tradutores intérpretes de Línguas Indígenas de Sinais

Bruno Henrique da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR
Indígena Pankararu, nascido na aldeia Brejo dos padres, primeiro indígena formado no curdo de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais, pela Universidade Federal de São Carlos - SP. Pesquisador das línguas indígenas de sinais, e formação de tradutores intérpretes indígenas. E-mail: bruno.pankararu300@gmail.com

Claudia Ester Soares Candia

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - UFGD
Natural da cidade de Corumbá – MS, atualmente residindo na cidade de Campo Grande – MS. Sou da etnia Terena, porém não tenho meu Registro Administrativo de Nascimento de Indígena (RANI), devido à falta de documento original de meus pais. Sou pedagoga desde 1998, atuei como professora regente em sala de aula regular no ensino fundamental durante 08 anos. E-mail: claudiaestersc@hotmail.com

David Kaique Rodrigues dos Santos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
Professor de Libras, indígena, gestor do NEABI (membro externo - indígena) IF Baiano campus Teixeira de Freitas - BA. Proficiente em Libras - Tradução e Interpretação Libras/Português. Pesquiso a Formação e atuação de professores e tradutores intérpretes na educação de indígenas Surdos. Meu primeiro contato com a minha pesquisa foi no ano de 2007 quando fui visitar a escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha no Município de Santa Cruz Cabrália - BA. E-mail: davidlibras6@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objeto apresentar relatos e experiências de professores indígenas e indígenas tradutores intérpretes de Libras/Língua de Sinais Indígenas, que atuando nas suas respectivas aldeias, pensam em realizar discussões acerca dos trabalhos destes e suas formações. A educação de indígenas surdos vem ganhando cada vez mais visibilidade nos dias atuais, mas ainda são poucos os trabalhos que evidenciam os agentes que atuam no chão das escolas/aldeias, por isso se dá a relevância de descrever como essa pauta é tão atual, necessária e vem se configurando no país. Portanto trazer mais visibilidade aos trabalhos já realizados é uma forma de que esses tenham mais reconhecimento e que possam ter a troca dos seus saberes adquiridos ao decorrer de suas trajetórias como profissionais, podendo assim construir saberes em conjunto em âmbito nacional.

Palavras-chave: TILSI/Libras, Professores indígenas, Indígenas Surdos.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiências apresenta o nosso lugar de fala como professores e tradutores intérpretes indígenas que somos e um pouco da nossa trajetória formativa e de atuação diante da realidade na educação de indígenas surdos de quatro comunidades, da etnia Pankararu na aldeia Brejo dos Padres do interior de Pernambuco, Pataxó no Território de Coroa Vermelha na cidade de Santa Cruz Cabrália na Costa do Descobrimento na Bahia, Terena e Guarani, localizadas em Campo Grande e Dourados no estado do Mato Grosso do Sul.

Discutimos a partir das nossas vivências e experiências as dificuldades enfrentadas pelos próprios alunos indígenas surdos em LIBRAS e Línguas Indígenas de Sinais – LSI do seu povo, como a educação para esses alunos vem sendo proposta na comunidade/ aldeia/escola /município/ estado (de forma bastante distante do que é previsto pela legislação, especificamente na Resolução CNE/CEB 5/2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena. No art. 11 e inciso 2º define o dever do sistema de ensino em disponibilizar materiais didáticos adaptados (específicos) para os indígenas surdos. No inciso 3º deixa clara a especificidade de atendimento diferenciado sem prejuízos do ensino da língua indígena aos alunos indígenas surdos. No inciso 4º trata da garantia da aprendizagem dos alunos bem como identificar e aprimorar pesquisas e estudos da Língua Brasileira de Sinais e outros sistemas de comunicação próprios utilizados entre pessoas indígenas surdas em suas respectivas comunidades. No inciso 5º deixa claro que deve contar com assessoramento técnico especializado, sendo esse profissional o tradutor intérprete com formação e fluência na língua indígena da comunidade onde o indígena surdo está inserido. E pela lei 10.436 de 2002 e pelo decreto 5.626 de 2005, que asseguram o reconhecimento da LIBRAS como língua e garantem o acesso das pessoas surdas à educação).

Problematizando os modos como a educação dos indígenas surdos dessas comunidades vem sendo posta em prática, tendo como base os estudos da diversidade cultural e o trabalho dos profissionais na esfera educacional, pretendemos evidenciar o quanto ainda é necessária à formação de profissionais (inclusive e principalmente indígenas) nesse sentido, para que a educação como direito de todos, possa se fazer, de fato, dentro das comunidades indígenas.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Os relatos apresentam a trajetória e experiências dos professores indígenas que atuam com alunos indígenas surdos, e Tradutores Intérpretes de Línguas Indígenas de Sinais (Tilsi), do trabalho informal até o profissionalismo, a entrada nas graduações, e as contribuições destes nas suas respectivas comunidades. Com isso compartilhar conhecimentos e saberes construídos ao decorrer das suas trajetórias, também ressaltando a diversidade cultural e especificidade no atendimento à comunidade indigena surda nos ambientes educacionais.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Tilsi Pankararu: Sou da etnia Pankararu e moro em uma aldeia situada no interior de Pernambuco de nome Brejo dos Padres. Essa aldeia está dentro da reserva da terra indígena Pankararu, onde se encontram outras aldeias próximas. Sempre tive contato com amigos surdos dentro da aldeia, nenhum falante de Libras e sempre nos comunicamos através de gestos. Não tinha conhecimentos acadêmicos sobre as questões relacionadas à surdez, como a Língua Brasileira de Sinais, o trabalho do tradutor e intérprete de Libras, escolas bilíngues para surdos, dentre outras questões. Em meu percurso escolar, passei pelas escolas indígenas da aldeia, e em nenhuma delas tinham a presença do profissional tradutor intérprete, nem de serviços para garantir que essas pessoas surdas tivessem o acesso à educação. Com isso, os indígenas surdos da aldeia se deslocavam e se deslocam para uma das cidades mais próximas, Jatobá, o que me causava inquietação, pois assim como eu, estes deveriam estar nas escolas da comunidade. Ao obter o conhecimento das vagas para indígena no curso de Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais/ Língua Portuguesa oferecidos pela Universidade Federal de São Carlos UFSCar, optei pelo curso de Bacharel em Letras Libras com ênfase em Tradução e Interpretação da Libras. Atualmente como formado e profissional Tilsi posso relatar e discutir sobre o cenário ao qual me encontro dentro da comunidade atuando no cenário da educação de indígenas surdos, como Tils.

Realizando trabalhos dentro e fora da comunidade, atuando como Tradutor Intérprete de Libras - Tils em diferentes espaços, como por exemplo, no evento “Fogueira digital”, que

aborda questões indígenas, onde os próprios organizadores procuraram um Tils que fosse indígena para atuação neste espaço, mostrando a importância da representatividade que a imagem do Tils possui no seu momento de atuação. Realizei trabalhos de pesquisa para entender como se dá a educação de indígenas surdos nas aldeias da etnia Pankararu; Participação como coordenação de equipe de TILS, do (a) Mesa Redonda – "A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE PROFISSIONAIS PARA AS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS", promovido pelo Núcleo de Estudos Afro Brasileiros de Indígenas – NEABI do IF Baiano do *campus* de Teixeira de Freitas – Bahia.

Professora e Tilsi Terena: Sou natural da cidade de Corumbá – MS, atualmente residindo na cidade de Campo Grande – MS. Sou da etnia Terena, porém não tenho meu Registro Administrativo de Nascimento de Indígena (RANI), devido à falta de documento original de meus pais. Sou pedagoga desde 1998, atuei como professora regente em sala de aula regular no ensino fundamental durante 08 anos. Nesse período eu não pensava em trabalhar com a educação indígena, muito menos com a educação voltada para LIBRAS. No ano de 2005 fui desafiada a ajudar alguém que era muito próximo de mim meu irmão Jeferson SURDO. Nesse ano me senti uma pessoa impotente por não saber como ajudar quem eu tanto amava, amo e sempre amarei, por falta de entendimento e conhecimento da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e foi nesse período que algo dentro de mim começou a mudar.

No ano de 2007 fui convidada a trabalhar no CAS - Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez - MS para atuar como técnica, aceite como muita gratidão essa oportunidade. No CAS eu trabalhei por 8 anos, no primeiro ano de trabalho, posso afirmar que para mim foi um ano de conhecimento e identificação pessoal dentro da comunidade surda, compreendi o quanto é importante aprender com o outro partindo da sua cultura e não tentando impor a nossa cultura para que ele se sinta parte da nossa história.

Em 2009, conheci a professora Shirley Vilhalva que também fazia parte do quadro de profissionais do CAS/SED/MS, quase finalizando seu mestrado ela estava de volta ao trabalho depois de alguns anos afastada devido aos estudos. É nesse ano que dou início ao estudo e pesquisa sobre os povos indígenas de MS. A professora Shirley estava precisando de uma intérprete de LIBRAS que tivesse o perfil indígena, então a coordenadora do CAS nos colocou

para trabalharmos juntas. Em meio a tantos atendimentos e demandas a professora Shirley precisava viajar para dar continuidade, às visitas, estudo e as pesquisa nas aldeias de MS, por meio do Projeto Índio Surdo- MS.

Durante os anos que atuamos no CAS/SED/MS, eu e a professora Shirley Vilhalva atuamos como técnicas do Projeto Índio Surdo- MS, nosso trabalho esteve voltado às visitas, atendimentos aos profissionais das escolas indígenas da rede estadual e municipal do estado de MS e principalmente as famílias que tinham em seu convívio uma pessoa surda. Por meio de parcerias entre municípios/estado e FUNAI, O Projeto Índio Surdo, realizou muitas palestras e formações em muitas aldeias do Estado de Mato Grosso do Sul enquanto estivemos trabalhando no CAS. O Projeto Índio Surdo- MS sempre esteve focado em atender às 08 etnias do estado do MS sendo elas: Guarani, Kaiowá, Terena, Kadwéu, Kinikinaw, Atikun, Ofaié e Guató.

Durante toda nossa jornada de trabalho que executamos juntas no CAS/SED/MS concluímos o material: Sinais Emergentes Indígenas: Mini Dicionário de LIBRAS/Português.

Professor e Tilsi Pataxó: Sou da etnia Pataxó, moro em Coroa Vermelha no município de Santa Cruz Cabrália, na Costa do Descobrimento da Bahia. As aldeias pataxós estão divididas em dois territórios sendo eles Coroa Vermelha e “Mata Medonha”.

Vivenciando a realidade de uma educação moldada nos currículos que não contemplam a diversidade cultural e nem se aplicam aos estudos Surdo, percebo a urgência de se discutir sobre a formação e atuação dos professores e tradutores intérpretes que atuam na educação de indígenas surdos no nosso país.

Atuo numa comunidade indígena no interior do Extremo Sul da Bahia, na Costa do Descobrimento em escola municipal, desde 2009, atuando na formação de professores indígenas e na formação escolar dos indígenas surdos, lutando pela garantia dos direitos linguísticos dos indígenas surdos, pela sua formação escolar, por produção de material didático específico, propondo projetos de implantação e implementação de formação para professores indígenas em LSI e para tradutores intérpretes de LSI, avaliação adaptada e uso e difusão da LSI nas comunidades/aldeias/escolas.

Sou Licenciado em História e Letras Libras, proficiente em tradução e interpretação pelo PROLIBRAS (2008), atuei como professor regente em sala de aula regular no ensino

fundamental, no ensino médio e superior com a proposta de Libras acessível para surdos e ouvintes (2009/2021). Tive a oportunidade de ministrar a disciplina de Libras como componente curricular obrigatório nos cursos de Licenciaturas do Programa Plataforma Freire ofertado para formação de professores dos municípios baianos pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), ministrado oficina de Libras pela UNEAD/UNEAB para cursos de pedagogia e Matemática no ano de 2017.

Ministrei a disciplina Pesquisa e Produção Acadêmica (PPA) a convite da professora e coordenadora do curso de Pós Graduação em Formação de Professores em Letras Libras da UNEB/UNEAD, também orientei 27 trabalhos com as temáticas: Signwriting, Metodologia do Ensino da Libras como L1 e L2, Língua Portuguesa para Surdos, História da Educação dos Surdos, Libras nas Diversas Modalidades de Ensino, Literatura Surda, Educação Bilíngue de Surdos, Jogos Analógicos para Surdos, Química para Surdos, Atuação e Formação do Tradutor Intérprete de Libras, Dispositivos Legais na Educação dos Surdos, Educação de Surdos na Perspectiva Inclusiva e outras temas dentro da Política de Educação Bilíngue de Surdos.

Atendi alunos indígenas surdos e surdos não indígenas com o trabalho itinerante, visitando as comunidades indígenas e levando material adaptado e sugestões de atividades para os professores trabalharem um conteúdo mais “adequado” para os nossos alunos. Nessas visitas eu também orientava os professores sobre o Plano de desenvolvimento Individual do aluno. Com os secretários escolares era pensada a inserção do aluno no censo educacional; com os coordenadores pedagógicos nós pensávamos qual a melhor forma de atender e respeitar os direitos dos alunos, além da formação do professor; com os diretores escolares era mais um diálogo sobre o papel dele no processo de formação escolar de todos os discentes no contexto escolar. Já com os pais e responsáveis pelos alunos, nós sentamos inúmeras vezes para falar do importante e único papel que a família tem nas vidas dos seus filhos, lembrando-se de falar do incentivo que vale para o aprendizado da língua específica dos seus filhos e da luta pelos direitos deles dentro e fora da escola.

Com o trabalho e pesquisa com a temática “educação de indígenas surdos”, vieram convites para participação em eventos, palestras, seminários e formações. Em 2021 fui convidado para participar do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas (NEABI), aceitei

e atuando como membro gestor representando a comunidade indígena, enviei uma proposta de formação (palestras) de fevereiro a dezembro de 2022 abordando a Educação de Surdos e Línguas Indígenas de Sinais.

Preparei com muito carinho o projeto com o olhar para a formação escolar do indígena Pataxó surdo e enviei para a seleção de aluno regular do Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Fui selecionado com o vínculo como discente do programa e membro do núcleo, fizemos uma parceria entre o NEABI, PETI e a UESB e assim, organizamos o I Seminário Regional de Luta dos Povos Indígenas.

Realizamos a primeira palestra sobre a "formação e atuação de tradutores intérpretes indígenas", tivemos um resultado satisfatório e com o passar do tempo nossas discussões foram surgindo como a necessidade de formação de professor específica para atuação com alunos indígenas surdos, material específico para o atendimento, atividade adaptada, ensino e difusão da LSI na escola/aldeia/comunidade.

Nesse percurso formativo e de atuação outras pautas me inquietaram como o olhar para a LSI como língua de minoria ou língua minorizada. E sabemos que pelos estudos Surdo a LSI é a Língua do indígena surdo, não é levada em consideração a questão de ouvir ou não ouvir, para o nosso campo de pesquisa e estudo. E nós estamos no processo de retomada da nossa língua, cultura e nossos direitos, e consequentemente a necessidade de um indígena falar pelo seu povo enquanto indígena.

Agradecer é necessário a todos que fizeram ou fazem parte dessa trajetória de lutas e vitórias. Awery!

CONCLUSÃO

As experiências e vivências dos professores indígenas e Tilsi, que cada profissional traz consigo, é repleta de acúmulos de conhecimentos obtidos no decorrer das suas trajetórias, portanto os espaços para que estes possam discutir sobre essa pauta tão atual e necessária, é de extrema importância para trazer mais visibilidade aos trabalhos realizados nas escolas/aldeias/comunidades.

Para a discussão e compartilhamento das estratégias utilizadas na educação de indígenas surdos é preciso possibilitar que estes tenham seu lugar de fala. O indígena falando do seu contexto indígena, em específico sobre sua atuação como profissional na área dos estudos Surdo nas questões da educação dos indígenas surdos. Por fim, evidenciar o novo perfil de profissionais que atuam nas comunidades indígenas, com formação específica em suas respectivas áreas do conhecimento e etnias.

Vale salientar que somos gratos a todo trabalho, pesquisa e apoio prestado às comunidades, mas queremos ocupar o nosso lugar de pertencimento, de fala e de direito diante dos serviços prestados aos indígenas surdos nas diferentes comunidades espalhadas pelo Brasil.

REFERÊNCIAS

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática da língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.

SANTOS, David Kaique Rodrigues dos; SILVA, Bruno Henrique da. **Formação de professores indígenas em línguas indígenas de sinais (LSI).** V Arvorecer Negro "Masculinidades Negras" do IF Baiano Campus Teixeira de Freitas. 2022. (no prelo)

SANTOS, David Kaique Rodrigues dos; SILVA, Bruno Henrique da. **Formação e atuação do tradutor intérprete indígena de língua de sinais.** I Simpósio de Línguas de Sinais do Brasil. 2022. (no prelo)

VILHALVA, Shirley; BRUNO; Roberto Nantes Araújo. **Educação de indígenas surdos e as línguas indígenas de sinais**. LÍNGUATEC, v. 7, p. 348-359, 2022.